



Abertura dos Sete Selos do Apocalipse

Folheto Informativo A Suplemento da Lição 3

Na abertura dos sete selos de Apocalipse, assim como nas sete igrejas e nas sete trombetas, João recebeu uma visão de uma descrição das condições que caracterizariam as etapas sucessivas da era cristã. Ao estudarmos o esboço apresentado nessas profecias, podemos perceber em que ponto nos encontramos no fluxo do tempo.

Ao abrir-se o **primeiro selo** (Apocalipse 6:1, 2), aparece um cavalo branco, “O seu cavaleiro tinha um arco, e foi-lhe dada uma coroa. E ele saiu vencendo e para vencer.” Esta é uma descrição do avanço do evangelho no primeiro século. Por meio do zelo missionário da igreja primitiva, o evangelho “foi pregado a toda criatura debaixo do céu” (Colossenses 1:23). O cavalo branco indica a igreja em sua pureza original. A coroa, ou grinalda de vitória, mostra sua conquista sobre o poder do inimigo mediante a direção e liderança de Cristo.

O **segundo selo** (Apocalipse 6:3, 4) revela um cavalo vermelho. Nessa cena de sangue, a paz é tirada da terra, e muitos são mortos com uma grande espada. Desde o início do segundo século até o decreto de Constantino no ano 313 d.C., o cristianismo foi ilegal em todo o Império Romano pagão, e os cristãos foram terrivelmente perseguidos.

A abertura do **terceiro selo** (Apocalipse 6:5, 6) nos apresenta uma visão do estado do cristianismo durante os 200 anos seguintes a 313 d.C. O cavalo, agora preto, revela que a igreja havia perdido sua pureza original. Seu cavaleiro traz na mão uma balança. Ouve-se uma voz declarando que a quantia de dinheiro que antes equivalia a um dia inteiro de trabalho (Mateus 20:2) agora vale apenas um quartilho de trigo. Que ilustração apropriada de como, por meio dos esforços de Constantino para misturá-lo com o paganismo, o cristianismo foi desvalorizado. Antes, declarar-se “cristão” poderia custar a própria vida. Agora, a palavra havia perdido tanto o seu valor que todo pagão imoral que andava pelas ruas era membro da igreja.

A abertura do **quarto selo** (Apocalipse 6:7, 8) introduz um cavalo amarelo. Aqui está uma igreja sem vida e pálida, cuja religião é uma mistura de verdade e erro. Seu cavaleiro é a Morte, e o Inferno a segue de perto. Isso representa o período da Idade das Trevas, durante o qual a centelha da verdadeira piedade foi quase totalmente extinta pela ação autoritária dos representantes da igreja. “E lhes foi dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio dos animais selvagens da terra.” A tribulação daqueles dias foi tão terrível que Jesus disse: “Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados” (Mateus 24:22).

Quando o **quinto selo** é aberto (Apocalipse 6:9-11), a figura muda. As mortes acumuladas de milhões do povo de Deus ao longo dos séculos de opressão são agora

representadas como clamando a Deus, pedindo justiça. “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” A resposta é dada de que os mortos devem “repousar ainda por um pouco de tempo”.

Os primeiros cinco selos nos trouxeram desde o primeiro século até meados de 1700. Agora voltamos nossa atenção para os sinais do fim que apareceriam sob a abertura do sexto selo (Apocalipse 6:12, 13).

Sinal #1: 1º de novembro de 1755, “e houve um grande terremoto”.

“Provavelmente o mais famoso de todos os terremotos é aquele que destruiu Lisboa em 1º de novembro de 1755. Houve três grandes tremores (o primeiro foi o maior) às 9h40 da manhã, às 10h e ao meio-dia. O principal abalo durou seis a sete minutos, uma duração incomumente longa. Em seis minutos, pelo menos 30.000 pessoas foram mortas, todos os grandes edifícios públicos e 12.000 residências foram destruídos. Era dia de culto religioso, e houve grande perda de vidas nas igrejas. Um incêndio se seguiu e queimou por seis dias. Um cais de mármore à beira do rio desapareceu no fundo do rio, levando consigo pessoas. Alexander von Humboldt afirmou que a área total afetada pelo tremor foi quatro vezes maior que a da Europa.” *Enciclopédia Britannica*, Vol. 7, p. 848 (edição de 1961).

“De longe o mais espetacular terremoto dos tempos antigos foi o de Lisboa, em 1755. Este tem alguma reivindicação de ser considerado o maior terremoto já registrado. Se for possível acreditar nos relatos, a área de percepção do tremor, que certamente tinha mais de 700 milhas de raio, estendeu-se dos Açores à Itália, e da Inglaterra ao Norte da África. Uma fonte de confusão nos relatos desse abalo, que torna difícil julgar a verdadeira extensão da área onde foi sentido, foi a ocorrência generalizada de seiches (... movimentos de ondas em lagoas e lagos).

Oscilações desse tipo foram observadas na França, Itália, Holanda, Suíça e Inglaterra, e relatos desses movimentos chegaram até mesmo da Noruega e Suécia, a uma distância de quase 1.800 milhas do epicentro. Nesses países, contudo, o tremor certamente não foi sentido.

Em 1755, os danos em Lisboa foram muito grandes. Naquela época, a cidade tinha cerca de 230.000 habitantes, dos quais quase 30.000 morreram, segundo estimativas conservadoras. Muitas pessoas estavam nas igrejas, pois era o Dia de Todos os Santos, no horário da primeira missa. O tremor foi seguido por um tsunami (onda marítima) de cerca de seis metros de altura e por incêndio.

O desastre chocou toda a Europa, e os moralistas e os sabichões não demoraram a tirar proveito dele.” *About Earthquakes*, p. 141–142, por G. A. Eiby (Nova York: Harper, 1957).

Sinal #2: 19 de maio de 1780, “e o sol se tornou negro como saco de pelos”.

“Por volta das onze horas, a escuridão era tal que exigia nossa atenção e nos levou a fazer observações. Às onze e meia, em um quarto com três janelas, cada uma com 24 vidraças, todas abertas para sudeste e sul, não era possível ler letras grandes por pessoas de boa visão. Por volta do meio-dia, com as janelas ainda abertas, uma vela lançava uma

sombra tão bem definida na parede que se podia tirar perfis com a mesma facilidade de fazê-lo à noite. Por volta de uma hora, um brilho de luz que havia permanecido até esse momento no leste se fechou, e a escuridão tornou-se maior do que em qualquer outro momento anterior. Entre uma e duas horas, o vento do oeste se intensificou um pouco, e um brilho apareceu naquela direção. Almoçamos por volta das duas, com as janelas todas abertas e duas velas acesas na mesa. No momento da maior escuridão, algumas aves de quintal foram para o poleiro; galos cantavam em resposta uns aos outros como costumam fazer à noite; aves noturnas assobiavam como fazem apenas no escuro; sapos coaxavam. Em resumo, havia a aparência de meia-noite ao meio-dia.” *The Boston Gazette and the Country Journal*, 29 de maio de 1780, p. 4.

“As pessoas não conseguiam ler impressos comuns, determinar a hora do dia pelos relógios, nem cuidar dos seus afazeres domésticos sem a luz de velas. Em alguns lugares, a escuridão foi tão grande que as pessoas não podiam ler impressos comuns ao ar livre por várias horas seguidas.” *Memoirs of the American Academy of Arts and Sciences: to the End of the Year 1783*, Vol. 1, p. 234–235, por Samuel Williams (Boston: Adams and Nourse, 1785).

“O dia 19 de maio de 1780 foi um dia notavelmente escuro. Velas foram acesas em muitas casas; os pássaros ficaram silenciosos e desapareceram, e as aves domésticas foram se recolher. A legislatura de Connecticut estava então em sessão em Hartford. Prevaleceu uma opinião geral de que o dia do juízo estava próximo. A Câmara dos Representantes, incapaz de conduzir seus negócios, adiou a sessão. Foi proposta a suspensão do conselho. Quando a opinião do Coronel [Abraham] Davenport foi solicitada, ele respondeu: ‘Sou contra o adiamento. O dia do juízo está se aproximando ou não está. Se não estiver, não há motivo para adiamento; se estiver, prefiro ser encontrado fazendo meu dever. Portanto, desejo que tragam velas.’” Timothy Dwight, citado em *Connecticut Historical Collections*, compilado por John Warner Barber, p. 403 (2ª ed.; New Haven: Durrie & Peck e J. W. Barber, 1836).

“Foi em um dia de maio do antigo ano de mil setecentos e oitenta que caiu, sobre a flor e a doce vida da primavera, sobre a terra fresca e o céu do meio-dia, um horror de grande escuridão.

“Homens oravam, e mulheres choravam; todos os ouvidos ficaram atentos para ouvir o som da trombeta do juízo despedaçar o céu negro, para que o terrível rosto de Cristo pudesse olhar através das nuvens rasgadas, não como apareceu como hóspede amoroso em Betânia, mas severo como Justiça e Lei inexorável.”

“Enquanto isso, na antiga Casa do Estado, escura como fantasmas, estavam os legisladores de Connecticut, tremendo sob suas vestes legislativas. ‘É o grande Dia do Senhor! Vamos encerrar a sessão’, disseram alguns; e então, como se fosse de comum acordo, todos os olhos se voltaram para Abraham Davenport. Ele se levantou, rompendo lentamente com sua voz firme o silêncio insuportável. ‘Bem pode ser este o Dia do Juízo que o mundo aguarda; mas seja ele ou não, eu só sei de meu dever presente e do mandamento de meu Senhor de ocupar até que Ele venha. Assim, no posto onde Ele me colocou em Sua providência, escolho, por minha parte, encontrá-lo face a face, não como um servo infiel assustado de sua tarefa, mas pronto quando o Senhor da colheita chamar; e portanto, com toda reverência, eu diria: Deixemos Deus fazer a Sua obra, nós cuidaremos da nossa. Tragam as velas.’” “Abraham Davenport”, em suas *Obras Poéticas*

Completas, p. 260, por John Greenleaf Whittier (edição de Cambridge; Boston: Houghton, 1894).

“Talvez alguns, ao atribuírem uma causa natural a isso, dizendo que se deve ao vapor espesso no ar, procurem evitar a força de considerá-lo um sinal; mas a mesma objeção se aplicará aos terremotos, que nosso Senhor expressamente menciona como sinais. Quanto a mim, considero realmente a escuridão como um dos prodígios preditos no texto; designado para nossa advertência e aviso.” Discurso do testemunha ocular Elam Potter, proferido em 28 de maio de 1780, em Enfield, Connecticut, citado em *The Advent Herald*, 13 de março de 1844, p. 46.

[Nota: Qualquer sugestão de causa natural não pode de modo algum diminuir o significado do evento como cumprimento profético. A explicação tradicional é que, dezessete séculos e meio antes de ocorrer, o Salvador havia predito claramente esse sinal duplo, dizendo: “Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade” (Marcos 13:24); e esses sinais ocorreram exatamente como predito e no tempo indicado muito antes de seu cumprimento. Há muito se ressalta que o que é significativo nesse contexto é o fato, e não a causa, da escuridão; assim como no caso de terremotos, estrelas cadentes e outros eventos vistos como sinais dos tempos. Quando o Senhor abriu um caminho para o seu povo através do mar, Ele o fez por meio de “um forte vento oriental” (Êxodo 14:21). Isso o torna menos milagroso? Da mesma forma, explicar o notável escurecimento do sol e da lua ou a queda das estrelas como eventos naturais não diminui seu caráter de sinais misericordiosos do fim iminente do tempo de prova.]

Sinal #3: 19 de maio de 1780, “e a lua tornou-se como sangue”.

“A segunda é a da transformação da lua em sangue; isto eu não vi, mas, por informações, tenho razões para crer que isso ocorreu entre as 2 horas e o amanhecer da manhã da mesma noite após a qual o sol foi escurecido, o qual teria parecido como um coágulo de sangue; e isso é ainda mais provável, visto que naquela noite, antes de a lua aparecer, esteve tão escuro, proporcionalmente, quanto o dia, e, conseqüentemente, isso teria dado à lua uma aparência extraordinária — não permitindo que ela desse a sua luz.” *A View of Spiritual, or Anti-typical Babylon*, p. 73, por Benjamin Gorton (Troy [N.Y.]: o autor, 1808).

Notícia de Providence, Rhode Island, datada de 20 de maio, no *The Pennsylvania Evening Post* (Filadélfia), 6 de junho de 1780, p. 62, que se refere a uma lua vermelha em certas áreas por um período de três dias.

Sinal #4: 13 de novembro de 1833, “e as estrelas do céu caíram sobre a terra, como a figueira lança os seus figos verdes, quando abalada por um vento forte”.

“A manhã de 13 de novembro de 1833 foi tornada memorável por uma exibição do fenômeno chamado ESTRELAS CADENTES, que provavelmente foi mais extensa e magnífica do que qualquer outra semelhante até então registrada....”

“Provavelmente nenhum fenômeno celeste já ocorrido neste país, desde o seu primeiro povoamento, foi visto com tanta admiração e deleite por uma classe de observadores, ou com tanto espanto e temor por outra classe....”

“O leitor pode imaginar uma sucessão constante de bolas de fogo, semelhantes a foguetes no céu, irradiando em todas as direções a partir de um ponto nos céus, a alguns graus a sudeste do zênite, seguindo o arco do céu em direção ao horizonte.... As bolas, ao percorrerem o firmamento, geralmente deixavam atrás de si um rastro vívido de luz, e pouco antes de desaparecerem, explodiam ou se resolviam subitamente em fumaça. Nenhum som ou ruído de qualquer tipo foi observado, embora tenhamos escutado atentamente....”

“Os clarões de luz, embora menos intensos do que o relâmpago, eram tão brilhantes que despertavam as pessoas em suas camas. Uma bola que seguiu em direção noroeste e explodiu um pouco ao norte da estrela Capela deixou, logo após o ponto da explosão, um rastro fosforescente de rara beleza....”

“Os meteoros começaram a chamar atenção por sua frequência ou brilho incomuns entre as nove e doze horas da noite; foram mais impressionantes entre duas e cinco horas; atingiram seu máximo, em muitos lugares, por volta das quatro horas, e continuaram até se tornarem invisíveis pela luz do dia.” *The American Journal of Science and Arts*, nº 25, jan. 1834, p. 363, 365, 366, 386, 393, 394, artigo: “Observations on the Meteors of November 13th, 1833”, por Denison Olmsted.

“Para entender o uso da palavra chuva em conexão com estrelas cadentes, precisamos voltar às primeiras horas da manhã de 13 de novembro de 1833, quando os habitantes deste continente [da América do Norte] foram de fato presenteados com uma das mais espetaculares exibições naturais que o céu noturno já produziu.... Durante quase quatro horas o céu estava literalmente em chamas.... Mais de um bilhão de estrelas cadentes apareceram apenas sobre os Estados Unidos e o Canadá.” *The Telescope*, nº 7, maio-jun. 1940, p. 57, artigo “The Falling of the Stars”, por Peter M. Millman.

“A chuva cobriu quase toda a América do Norte, tendo aparecido com esplendor quase igual desde os domínios britânicos ao norte até as Índias Ocidentais e o México ao sul, e desde sessenta e um graus de longitude a leste da costa americana até o Oceano Pacífico a oeste. Em toda essa imensa região, a duração foi praticamente a mesma.” *Letters on Astronomy, Addressed to a Lady: in Which The Elements of the Science Are Familiarly Explained in Connexion With Its Literary History*, p. 348–349, por Denison Olmsted (edição de 1840).

“Nenhuma linguagem, nem o pincel, pode retratar adequadamente a grandiosidade e magnificência da cena.... Pode-se duvidar se qualquer descrição tenha superado, em precisão e impacto, a do velho negro na Virgínia, que observou: ‘Foi assustador, de fato, senhor; parecia como maçãs silvestres maduras caindo das árvores quando as sacudimos para fazer cidra.’” *The New-England Magazine*, nº 6, jan.–jun. 1834, p. 47–48, artigo “The Meteoric Shower”, por J. T. Buckingham.

“Os cinco registros de inverno [registros cronológicos em escrita pictográfica que nomeiam cada ano (inverno) por um evento marcante] citados a seguir todos, sem dúvida, se referem à magnífica exibição meteórica da manhã de 13 de novembro de 1833, que foi testemunhada em toda a América do Norte e que foi corretamente atribuída ao inverno correspondente ao de 1833–1834. Todos eles representam estrelas com quatro pontas, exceto The-Swan, que desenha um objeto globular seguido por um rastro linear.

“Fig. 1219. Choveu estrelas. Registro de inverno de Cloud-Shield, 1833–1834. White-Cow-Killer chama isso de ‘inverno de muitas estrelas’.”

“Fig. 1220. As estrelas se moviam ao redor. Registro de inverno de American-Horse, 1833–1834. Isso mostra uma grande estrela de quatro pontas como o objeto característico e muitas pequenas estrelas, também de quatro pontas.

Fig. 1221. Muitas estrelas caíram. Registro de inverno de The Flame, 1833–1834. O desenho mostra seis estrelas acima da concavidade da lua.

Fig. 1222. Os dakotas testemunharam magníficas chuvas de meteoros; muito aterrorizados. Registro de inverno de The-Swan, 1833–1834.

Battiste Good chama isso de ‘inverno da tempestade de estrelas’, e apresenta como símbolo uma tenda (tipi) com estrelas caindo ao redor dela. Isso é apresentado na Fig. 1223.” “Picture-Writing of the American Indians”, Bureau of Ethnology dos EUA. Décimo Relatório Anual... ao Secretário da Smithsonian Institution, 1888–89, p. 723, por Garrick Mallery (Washington: Government Printing Office, 1893).

“Eu testemunhei esse espetáculo magnífico e fiquei tomado de reverência. O ar parecia estar cheio de brilhantes mensageiros descendo do céu. Era por volta do amanhecer quando vi essa cena sublime. Naquele momento, não deixei de pensar que poderia ser o prenúncio da vinda do Filho do Homem; e, naquele estado de espírito, eu estava preparado para saudá-lo como meu amigo e libertador. Eu tinha lido que ‘as estrelas cairão do céu’, e agora elas estavam caindo.” *Life and Times of Frederick Douglass*, citando Frederick Douglass, p. 117, edição original de 1855 (New York: Pathway Press, 1941).

Agora nos encontramos entre os versículos 13 e 14 de Apocalipse capítulo 6. O próximo evento a ocorrer é o fim do mundo (versículos 14–17).